

**Fórum Nacional de Professores de Jornalismo**  
**3º Encontro de Profes de Jornalismo do Paraná e 1º Encontro PR/SC**  
**Grupo de Trabalho: Produtos Laboratoriais Impressos**  
**Coordenador: Prof. Tomás Barreiros (Unicenp) - Guarapuava/PR, de 5 a 7/10/2007.**

**“Bandeira 2”: Percursos de um jornal experimental**

Samuel Lima<sup>1</sup>

**Resumo**

Realizar uma experiência completa, da pauta até o baixamento de um produto impresso, num giro temporal de quatro horas/aula, foi o objeto da disciplina “Meios Impressos II”, oferecida aos alunos/as do curso de jornalismo do Bom Jesus/Ielusc, no 1º semestre/07.

A experiência reuniu, a um só tempo, todos os fundamentos da produção jornalística para meios gráficos: (a) *pauta*: previamente formulada pelo professor da disciplina, que atuava como pauteiro e produtor; (b) *equipe (redação)*: o grupo era composto a cada encontro, primando-se pelo rodízio das funções (coordenação, editores de texto, editores de imagem, fotografia, reportagem e diagramação); (c) *deadline*: toda a produção do conteúdo noticioso, edição de textos, imagens e paginação obedeciam ao rigor do *deadline*. As reportagens eram feitas em, no máximo, duas horas e os textos encaminhados aos editores para finalização.

O foco da edição era a cidade (cultura, política, polícia, esportes, comunidades, políticas públicas etc.). As pautas do “*Bandeira 2*” também eram espelhadas nos dois jornais impressos diários de Joinville: “*Notícias do Dia*” (do grupo SBT, jornal do tipo popular) e “*A Notícia*” (do grupo RBS, caderno “*AN Cidade*”, dedicado à cobertura local/regional).

O percurso combinou dois momentos preliminares: estudos e reflexões teóricas sobre edição e desenvolvimento de projetos gráficos para jornalismo impresso. O planejamento visual do “*Bandeira 2*” foi produzido e escolhido pelos alunos e alunas, dentre vários projetos apresentados em sala de aula.

---

<sup>1</sup> Jornalista, coordenador e docente do curso de jornalismo da Associação Educacional Luterana Bom Jesus/Ielusc, em Joinville/SC. É doutor em Mídia e Teoria do Conhecimento pelo Programa de Pós-Graduação em Engenharia de Produção da UFSC (2005). E-mail: samuca@ielusc.br

## 1. A simulação do *deadline*

O ponto de partida da aventura pedagógica estava precisamente definido no “Objetivo” da disciplina: “*Desenvolver capacidade de montagem de projetos de veículos impressos, bem como aprofundar conceitos e práticas de diagramação e edição. Produzir e editar um Jornal Experimental, no tempo de um encontro semanal*”.

“Meios Impressos II” é uma disciplina oferecida no 5º semestre do curso, e precede a última experiência do aluno nesta mídia, que são as disciplinas de abrangem o “Jornal Laboratório” do curso. Conectando os elementos teóricos de edição, resgatando discussões de momento nos portais como “*Observatório da Imprensa*” e “*Comunique-se*”, além de blogs de jornalistas de renome nacional (Ricardo Noblat, Luís Nassif, Paulo Henrique Amorim), com o estudo teórico e técnico de identidade visual e projetos gráficos, obteve-se uma vivência que propiciou a simulação, em laboratório, das condições de produção de um jornal impresso – da pauta até o baixamento (no caso, reprodução em xerox).

Adrenalina, texto contra o relógio, trabalho de equipe, ênfase nos elementos centrais da edição (manchetes, títulos, adequação de legendas, olhos etc.). E tudo isto no giro de uma noite, entre 18h45 e 22h30. As pautas, pré-produzidas e elaboradas com base em contatos com fontes e nas próprias pautas trabalhadas no mercado pelos dois jornais diários de Joinville (“*Notícias do Dia*” e “*A Notícia*”), acrescidas ainda de sugestões dos alunos e alunas, compunham o chão preliminar da aventura. Evidentemente, o número de pautas propostas era sempre superior ao limite gráfico da publicação. O tamanho dos textos ficava entre os 800 até 1.500 caracteres.

As reportagens, entre contatos preliminares com fontes, entrevistas, apuração e texto, tinham no máximo duas horas e meia de tempo. Ou seja, levando-se em conta o começo do trabalho, o *deadline* dos textos era 21h15. A partir daí, restava algo em torno de uma hora de trabalho para editores de texto, imagens e diagramadores darem forma final ao produto (um jornal experimental PB, em formato A3, frente e verso).

Usamos o conceito de edição que está em Serva (2001):

Ao mesmo tempo em que tira do caos a sua matéria-prima, a imprensa procura organizá-lo, ordená-lo, dispor as notícias que emergem do acaso em um plano organizado, hierarquizado, categorizado: o caos se harmoniza, se ‘civiliza’ nas páginas de jornal ou no noticiário do rádio, da TV, da Internet ou de qualquer meio que se preste à informação. Isso se chama edição. (SERVA, 2001: p. 55)

Contudo, *edição* foi trabalhada pelo grupo com um sentido transcendente ao mero ato de “*fechamento*”, mas sim como um processo que passa por alguns níveis diferenciados. A começar pela concepção da pauta, os processos e contextos da reportagem, a produção textual do repórter (na qual pesam decisivamente os sentidos de seleção, hierarquia e organização da informação), passando pelo olhar do editor (que tem o arbítrio de atribuir novos sentidos ao conteúdo, a partir de elementos-chave como a titulação) até chegar num último e decisivo nível: o leitor. É nesta instância que se materializa a interação entre “veículo” e “receptor” – a quem cabe a prerrogativa de fazer a “edição da edição” e descartar, pura e simplesmente, aquilo que lhe parece secundário ou de pouca importância do conteúdo noticioso publicado.

No cronograma de atividades foram planejadas sete edições do “*Bandeira 2*”, no semestre. Nos dois primeiros meses, o grupo desenvolveu o planejamento visual do jornal experimental e, concomitante, refletiu sobre alguns autores como SERVA (2001), DORNELES (2002), CONTRERA (2004), LAGE (2001), discutindo estudos de caso sobre coberturas e as tramas da edição, como *locus* fundamental da produção de sentidos no contexto do jornalismo.

De Fábio Konder Comparato, no prefácio da obra de DORNELES (2002), que analisa a cobertura da “guerra” do Afeganistão, no período de um ano após o 11 de setembro, vem a precisa observação:

O grau de omissão intencional de informações e de distorção deliberada de notícias, manifestado por aqueles jornais (*O Estado de S. Paulo, Folha de S. Paulo, O Globo e Jornal do Brasil*) em tais episódios, atingiu o mesmo nível de subserviência que os veículos de propaganda dos Estados totalitários costumam ostentar (Dorneles, 2002: 15).

Os micro e macrocontextos que influenciam os procedimentos de edição, tanto do ponto de vista técnico quanto político, como demonstrado na obra citada, embalsamaram discussões sempre focadas no cotidiano dos principais jornais brasileiros. Análise de elementos centrais de edição era prática recorrente nos encontros teóricos.

## **2. Do intenso diálogo entre teoria e prática**

Nos primeiros dois meses da disciplina, o grupo foi dividido em duas turmas que trabalhavam, alternadamente, questões técnicas (aplicação dos programas de editoração eletrônica *InDesign* e *Photoshop*) e o debate teórico. O livro-base escolhido foi “*Jornalismo e*

*desinformação*”, de Leão Serva, que analisa a cobertura da guerra da ex-Iugoslávia, na década de 1990.

Referenciando-se em autores como Lawrence Norfolk (em “ABC da Bósnia”), SERVA (2001) aplica um modelo de análise baseada nos conceitos de “**omissão**” (ausência de informações de qualquer natureza, causada pela falta de condições de obtê-las), “**sonegação**” (informação de conhecimento da imprensa, suprimida da edição por alguma razão – comercial, ideológica, política etc.), “**submissão**” (fato noticiado, mas sua edição não permite ao receptor compreender e deter sua real importância), “**saturação**” (excesso de informações disponíveis, e milhares de “novas” se sobrepõem diariamente às “velhas”, desinformando o leitor/receptor) e “**redução**” (deslocamento do contexto histórico das notícias e/ou informações e sua migração para outro contexto, levando apenas coincidências episódicas e aspectos imagéticos acidentais).

Em paralelo, os estudos avançados em técnicas de diagramação e planejamento visual foram incrementados também com reflexões aplicadas de infografia, imagem e texto, destacando-se a relevância do fotojornalismo para a produção de notícias nos dias atuais. Na simbiose entre teoria e prática, vale registrar o que recomenda CONTRERA (2004: p. 18): “Em épocas de '*saturação*' da informação talvez a capacidade de selecionar adequadamente seja o mais relevante para o trabalho do jornalista. Esse é, certamente, o grande dilema atual”.

### **3. Algumas considerações sobre o percurso pedagógico**

De maneira ampla, o que se observou no percurso de produção do “*Bandeira 2*” é: o jornalismo contemporâneo produz uma percepção muito peculiar da realidade que se propõe a retratar, reportar. Frente ao objetivo propalado do jornalismo (“Informar e permitir a compreensão da realidade”) há que se indagar: a construção da notícia tem permitido isso? (Serva 2001).

Ao propor um jornal experimental, focado nos acontecimentos gerais de Joinville, o grupo pretendeu construir um fotograma do real urbano da cidade, nas diferentes áreas de interesse público. A editora do “*AN Cidade*”, Albertina Camilo, afirma que o caderno talvez consiga reportar cerca de 10% a 20% dos acontecimentos mais relevantes de Joinville, em suas oito páginas diárias, tipo “*standard*”.

Nas duas páginas do “*Bandeira 2*”, fechado todas as quintas-feiras, foi possível editar de 10 a 12 matérias, considerando-se ainda uma seção fixa (Enquete), que captava a opinião das pessoas (no pátio da Faculdade, nos terminais rodoviários, cafés, shopping etc.) sobre temas como aborto, maioria penal, aumento de salários dos deputados federais, bingos, mulheres no futebol e violência. Ou seja, a limitação da mancha gráfica não foi fator de inibição para que os alunos e alunas buscassem, na prática da boa reportagem, boas histórias, balizadas pela relevância e grau de interesse público.

A “redação” foi organizada com base em funções típicas do mercado, e valeu o critério de rodízio das funções. A prática da disciplina ofereceu as diferentes possibilidades de experimentação e produção a todos e todas: repórter numa edição, fotógrafo na seguinte, diagramador na próxima e assim por diante.

Quando as cópias do “*Bandeira 2*” começavam a sair da reprografia da Faculdade, era nítido o brilho no olhar, sob os cumprimentos pelo espírito de grupo, a satisfação de ter vencido mais um desafio das “quintas”. E daí começava outra aventura: a distribuição aos demais estudantes de jornalismo, de publicidade e nutrição que dividem o mesmo ambiente. Um fragmento da realidade joinvilense brotava nas páginas do jornal experimental, feito um tênue elo de ligação do tempo e espaço (no processo de produção da notícia). Ou como diria Serva (2001), a expressão do jornalismo como um frágil elo de ligação entre cultura e povos.

## **Bibliografia**

CONTRERA, Malena Segura e.a. (ORG). *Jornalismo e realidade*. São Paulo, Mackenzie, 2004.

DORNELES, Carlos. *Deus é inocente – a imprensa, não*. São Paulo: Globo, 2002.

GUIMARÃES, Luciano. *As cores na mídia*. São Paulo: Annablume, 2003.

LAGE, Nilson. *Ideologia e técnica da notícia*. Florianópolis: Insular/UFSC, 2001.

SERVA, Leão. *Jornalismo e desinformação*. São Paulo: SENAC SP, 2001.

PEDROSA, Israel. *O universo da cor*. São Paulo: Senac, 2004.